

#DecadaAfro



Videotutorial

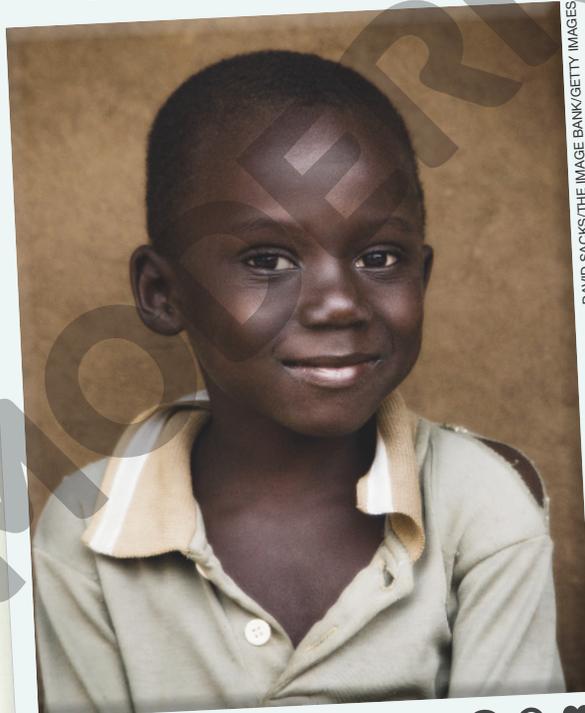
- Assista ao videotutorial com orientações sobre este projeto.

Neste projeto não acentuamos as palavras contidas nas hashtags(#), a exemplo do que ocorre na internet e redes sociais. A #DecadaAfro foi criada pela ONU e se fosse acentuada diminuiria os resultados de buscas relacionadas a ela.



Bruna A.

@bruna_a



DAVID SACKS/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES



De acordo com a ONU (2019), existem aproximadamente 200 milhões de pessoas que se identificam como afrodescendentes vivendo nas Américas. #DecadaAfro #onu

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o período 2015-2024 como a Década Afro (#DecadaAfro), cujos pilares são reconhecimento, justiça e desenvolvimento, ressaltando a importância do enfrentamento ao racismo, que causa o sofrimento de milhões de pessoas no mundo. Viver em uma sociedade que privilegia a convivência respeitosa diante da diversidade humana, seja relacionada à cor de pele, dos cabelos, dos olhos, ao formato de corpo, à religião, à orientação sexual, à origem geográfica, à etnia, seja a qualquer outro aspecto, é o que se almeja na construção de sociedades mais justas e democráticas e na cultura de paz.

Infelizmente, a discriminação está presente em todos os setores da sociedade brasileira, e esse é um fator gerador de conflito que, se não for não mediado e resolvido, provoca sofrimento àqueles que vivenciam a intolerância e a segregação. Esse quadro precisa ser mudado para que efetivamente haja a integração de todas as pessoas, sem preconceito de nenhum tipo.

Registre no caderno

▶ COMEÇO DE CONVERSA

Ver respostas e orientações no Suplemento do Professor.

1. Descreva o que você entende por racismo. Qual é a imagem das pessoas que você considera sofrer racismo?
2. Para você, qual é o significado de raça e de etnia? Descreva um caso real em que sua definição se aplica.
3. Em sua opinião, há discriminação de pessoas em razão da cor da pele no Brasil? Descreva um caso verídico que fundamente sua resposta.
4. Procure caracterizar o que você entende por conflito. Cite uma situação real de conflito com base em sua compreensão.
5. Você acha que os conflitos são passíveis de ser mediados? Na sua opinião, quais seriam as características de um mediador de conflitos? Você conhece alguém com essas características?
6. Explique o que significa *bullying* e quais as consequências que ele pode trazer para a pessoa que sofre com essa prática. Quais são os possíveis fatores que desencadeiam esse comportamento na pessoa que promove o *bullying*?

SITUAÇÃO-PROBLEMA

A preocupação com as desigualdades sociais, o combate ao racismo e a todo tipo de discriminação, seja ela racial, étnica, religiosa, de gênero e outras, é mundial. Ela tem sido pauta de reuniões internacionais, como nos órgãos da ONU, na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e em outras entidades. O Brasil, com suas características históricas e culturais, também se insere nesse cenário de promoção de combate ao racismo e a qualquer tipo de discriminação.

Identificar e reconhecer o problema é um dos primeiros passos para pensar em soluções e entender como mediar conflitos gerados não apenas por esses fatores, mas também os que se desencadeiam em qualquer situação de nossa vida.

Desse modo, buscamos construir uma sociedade mais justa, humana e democrática. Assim, estamos fazendo um convite para você e seu grupo, sob a orientação dos professores, para abrir essa discussão na escola e promover ações de respeito à diversidade humana, como é o caso do combate ao racismo.

Vamos supor que tivesse ocorrido na escola onde vocês estudam um ato agressivo contra um(a) aluno(a) negro(a), como o uso de palavras e atitudes ofensivas tanto presencialmente quanto em mídias sociais. Como lidar com esses conflitos gerados pelo ódio e pela intolerância? Como mediar discussões na escola para que episódios como esse não aconteçam?

OBJETIVOS

Desenvolver uma peça teatral, a ser apresentada na escola para os demais estudantes e para a comunidade externa à escola, que represente uma situação de conflito fictícia, envolvendo questões raciais e estratégias de mediação, visando à solução desse conflito e aplicando também argumentos da área das Ciências da Natureza.

JUSTIFICATIVA

Segundo o documento da ONU – *Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024): reconhecimento, justiça, desenvolvimento* –, noções de superioridade racial, incitação ao ódio ou à violência racial e étnica devem ser combatidas e qualquer forma de estereótipo deve chegar ao fim. Os esforços para vencer essas questões incluem também ações específicas para acabar com a discriminação contra mulheres e meninas afrodescendentes. Segundo Zeid Ra'ad Al Hussein, Alto Comissário para os direitos humanos da ONU na época do lançamento do documento, a Década Afro é uma oportunidade histórica e pretende inspirar em todos nós a compreensão dos danos profundos causados pela discriminação e nos incentivar a trabalhar incansavelmente para pôr fim a essa injustiça.

Em outro documento da ONU, voltado especificamente para o Brasil – *Guia de orientação das Nações Unidas no Brasil para denúncias de discriminação étnico-racial* –, é apontada a necessidade de debater em nossa sociedade o racismo e as desigualdades sociais dele resultantes.

O documento também aponta que há uma falsa ideia de que o Brasil não experimenta o racismo e a discriminação racial observados em outros países. Estudos indicam que há racismo no Brasil e que ele é gerador de conflitos, muitas vezes envolvendo o *bullying*, em vários setores da sociedade, inclusive as escolas.

PARA VOCÊ SABER MAIS

- ONU. *Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024): reconhecimento, justiça, desenvolvimento*.

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2016/05/WEB_BookletDecadaAfro_por_tugues.pdf>.

Neste documento, são apresentados os objetivos da década internacional de afrodescendentes e diretrizes do que é possível ser feito nos âmbitos regional, nacional e internacional em direção ao alcance desses objetivos.

- ONU. *Guia de orientação das Nações Unidas no Brasil para denúncias de discriminação étnico-racial*.

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/01/guia_discriminacao_racial.pdf>.

Neste guia, a ONU apresenta os instrumentos e mecanismos nacionais e internacionais relacionados à violação dos direitos à igualdade étnico-racial.

Acessos em: 4 dez. 2019.

De acordo com o Guia da ONU Brasil citado anteriormente, nosso país é signatário de todas as declarações, tratados e acordos internacionais elaborados para a proteção e a promoção dos direitos humanos e do desenvolvimento que tratam do combate às desigualdades, como a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948) e a *Convenção Internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial* (1966). Segundo a publicação *Ser jovem hoje, no Brasil: desafios e possibilidades*, da organização internacional Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (organização internacional Flacso), fundada em 1957 pelos Estados Latino-Americanos, um dos desafios do programa de prevenção à violência nas escolas é entender que:

[...] Existe na nossa sociedade uma cultura da violência, alimentada pelo individualismo, consumismo e competição exacerbada. A cultura da violência expõe os indivíduos a constantes danos físicos e morais, pressupõe que somente a força resolve os conflitos do cotidiano [...].

Fonte: Castro, M. G.; Abramovay, M. *Ser jovem hoje, no Brasil: desafios e possibilidades*. Programa de prevenção à violência nas escolas. Brasília: Flacso, 2015. p. 14. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2019.

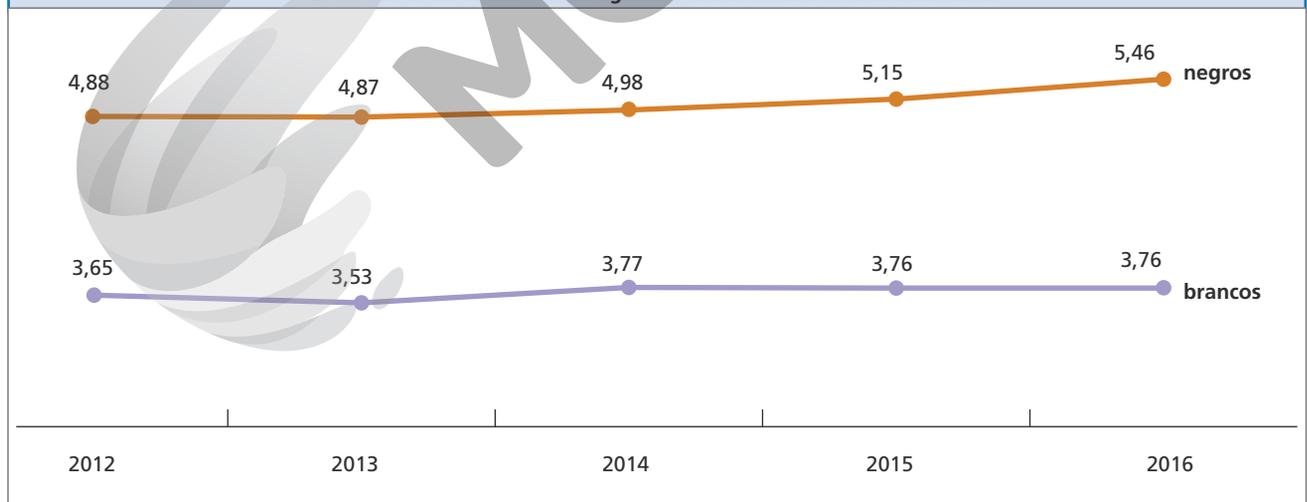
Justamente o que a nossa proposta apresenta é uma das formas de resolver conflitos pautada na mediação, o que implica a não violência, seja física, seja verbal. Atitudes como *bullying* têm trazido sofrimento às pessoas afetadas e, muitas vezes, resultam em casos de depressão e até em situações extremas, em suicídio.

Segundo dados do Ministério da Saúde (MS), o maior risco de suicídio na população jovem negra está relacionado ao **racismo estrutural**, que causa mais sofrimento e adoecimento entre jovens e adolescentes afrodescendentes do que entre jovens e adolescentes brancos da mesma idade.

A escolha do tema racismo também propicia a discussão sobre *bullying*, pois o racismo em si é um dos fatores geradores desse comportamento. Abordar o racismo é um enorme desafio, mas não podemos fugir dele. É um tema gerador de conflitos na sociedade e tem que ser explorado de modo aberto para evitar que o conflito aumente, chegando a um ponto em que as partes envolvidas agravem o processo, declarando e tomando atitudes mais intensas e diretas. Tratar de um problema social de grande relevância, que traz sofrimento para muitas pessoas pela discriminação em função da cor de pele, pode colaborar para o processo de esclarecimento em prol da construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Racismo estrutural: Conjunto de práticas, situações, hábitos e falas embutido em costumes de uma sociedade que promove, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial, privilegiando algumas raças em detrimento de outras.

Comparação da variação do número de casos de óbito por suicídio entre jovens negros e brancos no período de 2012 a 2016 no Brasil. Porcentagem de óbitos a cada 100 mil habitantes.



Fonte dos gráficos: Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros-2012 a 2016. Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

Dados estatísticos nos auxiliam a entender a dimensão do problema, e a análise desse gráfico é uma das evidências de que precisamos agir no combate ao racismo.

Assim, contamos com você e seu grupo nessa importante questão social. Embora exista no Brasil o chamado mito da democracia racial, segundo o qual se nega a existência de desigualdades raciais no país, vários estudos comprovam que há ocorrências de atitudes e posturas com conotações de preconceito racial. Por isso, quanto mais bem informados vocês estiverem pelas diversas áreas do saber, mais argumentos terão para agir de forma consciente e participar de modo eficiente no combate a esse tipo de discriminação.

Neste projeto, trataremos uma abordagem mais voltada para a área das Ciências da Natureza, sem desconsiderar as demais. O desconhecimento dos avanços da ciência é um dos problemas que atinge a nossa sociedade, o que ocorre em razão da dificuldade de acesso a informações fidedignas para todos. Por isso, é importante a divulgação científica de qualidade. Apesar de já existirem boas iniciativas nesse sentido, como o Instituto Questão de Ciência e a Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência (RedeComCiência), ainda há muito a ser feito.

Nossa proposta é que você, seu grupo e sua classe interajam na produção de uma peça teatral usando a linguagem do teatro como um importante veículo de divulgação científica.

PARA VOCÊ SABER MAIS

- Instituto Questão de Ciência
Disponível em: <<https://iqc.org.br/>>.
Esse instituto tem como objetivo levar a ciência e a tecnologia para os diálogos de formulação de políticas públicas.
- Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência (RedeComCiência)
Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/rede-une-comunicadores-e-cientistas-pela-qualidade-da-divulgacao-da-ciencia/>>.
A notícia apresenta a iniciativa de um grupo de comunicadores preocupados em melhorar a qualidade da divulgação científica feita no Brasil. A associação reúne jornalistas, influenciadores digitais, cientistas, alunos e professores.
Acessos em: 4 nov. 2019.

O trabalho em equipe propicia a integração das pessoas, valorizando as competências e habilidades de cada uma e promovendo o relacionamento cordial entre todos.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O desenvolvimento deste projeto será feito em seis etapas, como especificado a seguir.

ETAPAS

- Etapa 1** Entendendo o conceito de conflito e as formas não violentas de resolução
- Etapa 2** Racismo, raça, etnia, discriminação, preconceito, estereótipo: o que tudo isso significa?
- Etapa 3** Um breve resumo da história do racismo e da influência da biologia
- Etapa 4** Uma breve história da evolução humana e da cor da pele
- Etapa 5** Identificando e reconhecendo casos de racismo na escola e refletindo sobre maneiras de mediá-los
- Etapa 6** Montagem da peça, ensaio e apresentação

Ao longo de todas as etapas, destaquem argumentos da área das Ciências da Natureza que possam ser empregados na mediação de conflitos a fim de esclarecer para as pessoas que o racismo não se justifica com base nos conhecimentos científicos.

Para a montagem da peça teatral, considerem esses argumentos, além de outros também relevantes que discutiremos ao longo deste projeto e que podem ser vistos como importantes por toda a classe. Para a peça, vocês podem pensar em cenários, compor uma música, elaborar um figurino, escolher o estilo de redação do texto da peça, entre outros recursos.

Abordem o tema racismo exercitando a empatia, o diálogo, a mediação de conflitos, pautando-se em argumentos científicos, promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Para iniciar as etapas do projeto, formem grupos com 5 a 8 integrantes e mãos à obra.

Etapa 1

Entendendo o conceito de conflito e as formas não violentas de resolução

Conflito

Não há uma definição única, cientificamente fechada, do que se considera conflito. Diversos autores usam diferentes definições e conceitos, porém há algumas semelhanças entre eles. Por exemplo, conflitos sempre envolvem duas ou mais partes, que geralmente têm opiniões ou objetivos contrários.

É muito comum as pessoas acharem que os conflitos são sempre ruins. No entanto, os conflitos em si não são positivos ou negativos, maus ou bons. É a forma como os enfrentamos ou os encaramos que os torna negativos ou positivos, construtivos ou destrutivos. Podem estar presentes em todo tipo de ambiente, seja na família, seja no trabalho, seja na escola; fazem parte do convívio em sociedade.

A principal questão que se coloca em um conflito é o modo como as pessoas reagem a ele, e é esse o principal ponto sobre o qual devemos ponderar. Tem-se observado que, muitas vezes, as reações envolvem atitudes agressivas e de intolerância, o que acaba gerando mais problemas. Portanto, reconhecer a existência de conflitos, sem negá-los, mas enfrentando-os de maneira justa e consciente, pode transformar essas reações em uma perspectiva de respeito à diversidade.

Tendo em vista que a escola é um ambiente onde as relações sociais são marcantes e complexas, com contradições e diferentes percepções de mundo, esse tema merece ser entendido como uma oportunidade de aprendizagem e um exercício da cultura e da paz. Uma escola aberta ao diálogo propicia o respeito à diversidade.

Os conflitos escolares podem surgir tanto entre alunos como entre alunos e professores e outros funcionários da escola. É necessário conversar para entender as necessidades de cada um. Professora e aluno valorizando o diálogo, em Várzea Grande, MT, 2018.



LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

De acordo com a Unesco, a educação voltada para a cultura de paz, ajuda a:

- [...] aprender sobre as nossas responsabilidades e obrigações, bem como os nossos direitos;
- aprender a viver juntos, respeitando as nossas diferenças e similaridades;
- desenvolver o aprendizado com base na cooperação, no diálogo e na compreensão intercultural;
- ajudar crianças a encontrar soluções não violentas para resolverem seus conflitos, experimentarem conflitos utilizando maneiras construtivas de mediação e estratégias de resolução;
- promover valores e atitudes de não violência – autonomia, responsabilidade, cooperação, criatividade e solidariedade;
- capacitar estudantes a construir juntos, com seus colegas, os seus próprios ideais de paz. [...]

Fonte: Unesco. *Cultura de paz no Brasil*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/culture-of-peace/>>. Acesso em: 4 dez. 2019.

O conflito é, portanto, parte inevitável da vida e pode ser usado como um momento de aprendizado e crescimento pessoal e da sociedade como um todo, para desenvolver habilidades voltadas à mediação de forma colaborativa.

▶ ATIVIDADE

Ver respostas e orientações no Suplemento do Professor.

Registre no caderno

1 Individualmente, de maneira reflexiva, reflita a respeito da seguinte questão: Você já vivenciou situações de conflito? Se sim, descreva cada situação. Sua descrição deve responder às questões a seguir.

- a) Com quem foi o conflito (descrição genérica da pessoa, sem citar nomes)?
- b) Qual foi o motivo do conflito?
- c) Como você se sentiu e se comportou diante da situação?
- d) O conflito foi solucionado? Se sim, como?

Embora cada conflito seja único, há determinados **estágios** comuns a eles:



1
Ponto de início: diferentes partes adotam posições contrárias. A necessidade de promover os próprios ensejos sobre os das outras partes se intensifica e polariza o conflito. Ao mesmo tempo, as partes envolvidas ficam cada vez menos abertas a considerar outras opiniões e perspectivas.



2
Percepção: após o início do conflito, as partes envolvidas começam a entender a questão sob o ponto de vista de um combate entre opiniões que consideram corretas e erradas. Nesse estágio, uma análise objetiva e concreta da situação é muito difícil para as partes envolvidas.



3
Análise: as partes envolvidas começam a buscar culpados pelo conflito, e não soluções para ele.



4
Reação: as partes tentam criar estratégias para lidar com o conflito (não necessariamente de resolução), e o comportamento seguinte será dominado pela estratégia adotada.

Ao atingir o ponto 4, o conflito pode tomar uma de duas direções. As atitudes escolhidas pelas partes envolvidas podem levar à solução ou gerar novos conflitos e escalar a situação, reiniciando o ciclo de origem do conflito.

Mesmo o conflito sendo inerente a uma sociedade democrática, com direito a diferentes manifestações de opinião, para que ele não chegue a situações insustentáveis precisam ser planejados processos de resolução.

Se não for resolvido o conflito, pode ser que se chegue a um **ponto crítico**, ou seja, um momento em que algo ocorre e faz com que as partes envolvidas agravem o processo. As partes declaram e tomam atitudes mais intensas e diretas.

Idealmente, o conflito deve ser resolvido antes do ponto crítico e, depois desse ponto, não se deve esperar que as partes envolvidas resolvam suas diferenças sozinhas. Um conflito sem intervenções só tende a aumentar de intensidade com o tempo. É aconselhável agir com formas de resolução quanto antes.

Formas de resolução de conflitos

Um importante passo para a resolução de um conflito é explorá-lo e entendê-lo como um todo. Do ponto de vista de um observador e até mesmo dos envolvidos, as causas e as origens de um conflito nem sempre estão claras ou são conhecidas por todos. Para isso, uma técnica metódica de análise pode ajudar não só a entender o conflito, mas também a comunicar e a explicá-lo para outras pessoas. Vamos discutir algumas formas não violentas de resolução de conflitos.

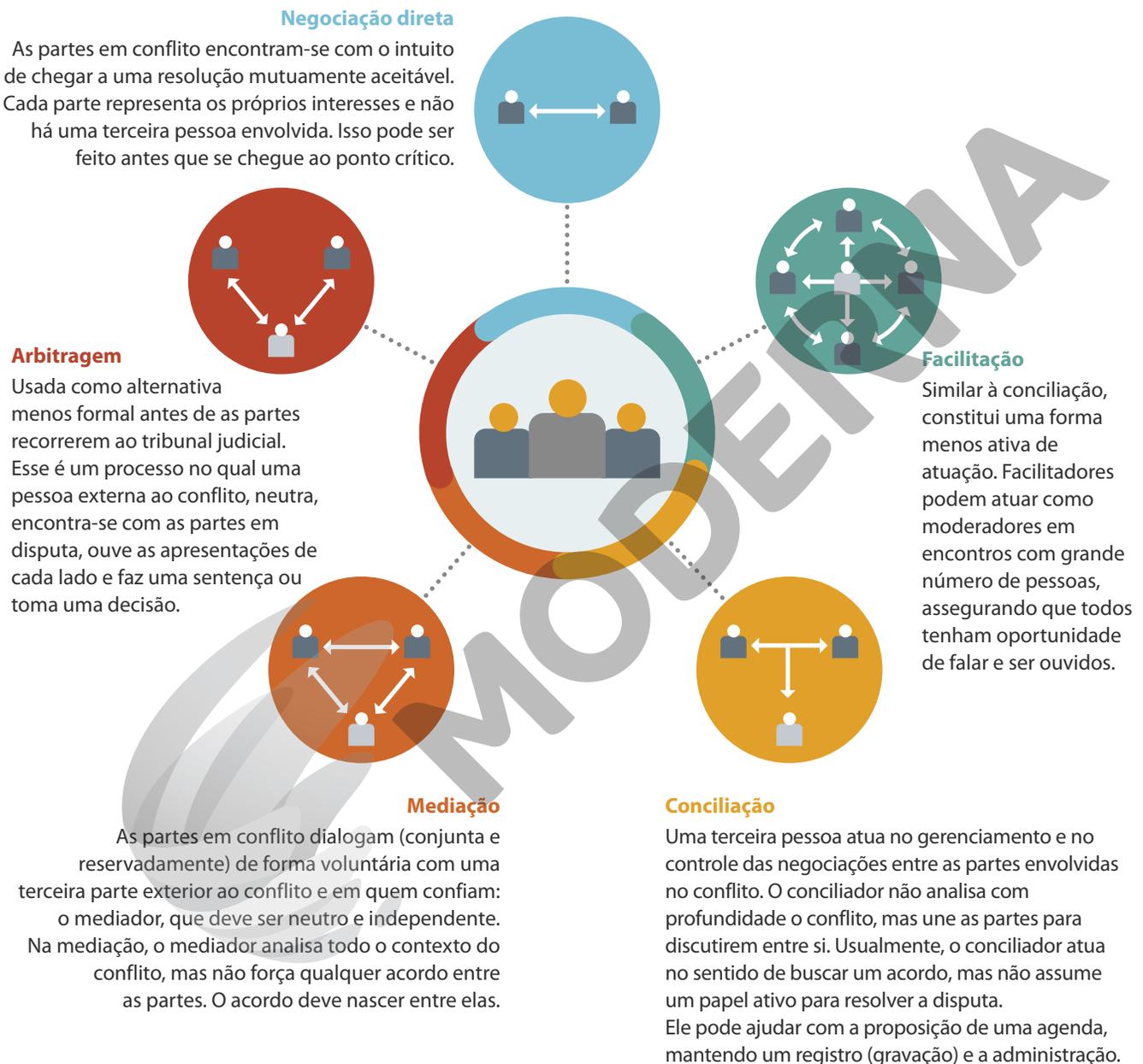
De maneira geral, recomenda-se que as partes envolvidas na resolução de um conflito expliquem suas queixas usando “eu” em suas frases. Frases expressas com a palavra “eu” ajudam a contextualizar o problema como pessoal. Além disso, uma avaliação racional do processo deve fazer parte das argumentações por meio de frases como: “Eu penso que essa é a melhor opção por causa daquilo”, usando argumentos racionais.

Sugerimos a leitura dos materiais abaixo, a respeito da mediação de conflitos:

- Cartilha de mediadores
Apresenta informações sobre a mediação de conflitos e o papel do mediador em ambiente escolar. Disponível em: <https://www.cnmmp.mp.br/conteate10/pdfs/tema4_cartilha-mediadores.pdf>.
 - Cadernos do Respeitar
Trazem temas como “diversidade e discriminação” e “mediação de conflitos”, que podem ser úteis na condução do presente projeto e indicados como fonte de pesquisa para os alunos. Disponível em: <https://respeitarepreciso.org.br/cadernos-respeitar/?fbclid=IwAR0APVpVhQvqx-O_2w1UJzGBQ%0DCSivoDeq7__3SLNZjYSDY67HLAWAmMcYDY>.
- Acessos em: 17 dez. 2019.

O modelo de resolução de conflitos a seguir foi adaptado de material produzido pelo Departamento de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, sigla de *Food and Agriculture Organization*, em inglês) em que se utilizam as seguintes tipologias de resolução:

Modelo de resolução de conflitos



▶ A qualidade central do mediador tem sido descrita por sua capacidade para reorientar as partes na direção de um acordo mútuo, não pela imposição de regras sobre elas, mas auxiliando-as para que alcancem uma percepção nova e compartilhada de seu relacionamento, que permitirá enxergar o conflito de um ponto de vista mais amplo e adotar atitudes mais empáticas.

- 2 Com seu grupo e com a orientação dos professores, pensem em um conflito que tenha acontecido na escola ou na comunidade e que seja resultado de diferentes visões de mundo, de perspectivas, e de interesses. Descrevam esse conflito sem mencionar nomes, ou seja, sem personificá-lo. Nesse processo, analisem os seguintes aspectos:
- a) Como começou o conflito?
 - b) Quais eram os principais argumentos?
 - c) O conflito foi resolvido? Como? Houve necessidade de recorrer à ajuda de alguma(s) pessoa(s) que era(m) externa(s) ao conflito para que ele fosse resolvido?
 - d) Procurem identificar, nessas situações, se houve processos de resolução que se encaixem em alguma das tipologias citadas anteriormente. Expliquem.
 - e) Caso tenha ocorrido alguma interferência externa, e com base nessa tipologia, na opinião de vocês, qual foi o papel desse ator que auxiliou na resolução do conflito? Foi conciliador, facilitador, mediador ou árbitro? Por que vocês chegaram a essa conclusão?
 - f) Suponham que vocês fossem atuar na resolução desses conflitos como mediadores. Como agiriam?
- 3 Como atividade reflexiva individual, registre no caderno de anotações quais foram as falas do grupo que você considerou mais marcantes em relação ao modo de agir diante do conflito.

Agora que já discutimos alguns dos aspectos mais gerais sobre conflitos, vamos passar à análise do tema central deste projeto: o racismo.

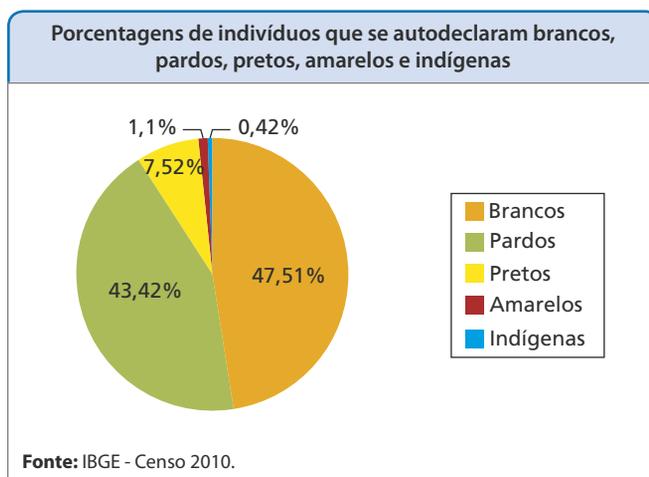
As discussões sobre conceitos de racismo, raça e etnia são complexas e não é possível esgotar o tema. Seria oportuno se vocês pudessem ampliar a discussão com os professores de História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Etapa 2

Racismo, raça, etnia, discriminação, preconceito, estereótipo: o que tudo isso significa?

A miscigenação é uma característica da população brasileira. Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, houve miscigenação de brancos e índios dando origem ao que se chamou de caboclo ou mameluco. Com a chegada dos povos africanos trazidos para cá na época da escravidão, que durou de 1530 a 1850, houve miscigenação de brancos e negros, dando origem ao que se chamou de mulato, e miscigenação de negros e índios, dando origem ao que se chamou de cafuzo. Depois, no final do século XIX e início do XX, vieram diversos grupos de imigrantes originários principalmente da Europa, aumentando a população branca no país. Os imigrantes da Ásia chegaram em seguida, compondo a população amarela, que também passou pelo processo de miscigenação. A miscigenação continua a ocorrer em nossa sociedade.

A classificação da diversidade brasileira por critérios de cor de pele é complexa, pois, qualquer que seja, ela não é capaz de representar a diversidade existente. Apesar disso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza nos censos demográficos, que realiza a cada dez anos, quatro categorias: brancos, pretos, amarelos, pardos ou indígenas. As informações para a cor de pele são obtidas por autodeclaração, ou seja, a própria pessoa responde em qual das cinco categorias ela se insere. Os dados obtidos no último censo, realizado em 2010, estão representados no gráfico ao lado.



CATHERINE A. SCOTTON

ATIVIDADES Ver respostas e orientações no Suplemento do Professor. **Registre no caderno**

As atividades a seguir são individuais e reflexivas.

- 1 O Estatuto da Igualdade Racial, promulgado em 2010, é destinado a “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”. De acordo com esse documento, a população negra compreende o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme os quesitos “cor” ou “raça” usado pelo IBGE, ou que adotam autodefinição análoga. Segundo essa definição de população negra e com base na análise do gráfico apresentado anteriormente, você diria que a população brasileira é composta de maioria branca? Justifique sua resposta.
- 2 Se você fosse entrevistado pelo IBGE para o próximo censo, em qual desses grupos você se incluiria? *Resposta pessoal.*
- 3 Você considera que já sofreu algum tipo de discriminação relacionado à cor de sua pele? Ou por algum outro motivo? Como você se sentiu? *Resposta pessoal.*

Racismo

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi promulgada pela Assembleia Geral da ONU em 1948, logo depois da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. O texto descreve cada um dos direitos inalienáveis dos indivíduos, por meio de 30 artigos cuidadosamente escritos. Esse documento tem permeado políticas e instituições e impulsionou a luta contra o racismo, a xenofobia e a intolerância de toda ordem. Ele também impulsionou maior poder de participação às mulheres.

De acordo com o Programa Nacional de Direitos Humanos (1998), o racismo pode ser entendido como um modo de pensar que considera a existência de hierarquia entre os grupos humanos.

O conceito de racismo está relacionado à interpretação equivocada de que há, na espécie humana, diferentes raças, identificadas pelo fenótipo, como cor da pele, dos olhos, do cabelo, forma dos fios de cabelo, estrutura corporal etc. e está ligado à crença de que essas diferenças permitiriam identificar raças superiores e inferiores. A genética atual explica que as diferenças no DNA não justificam nenhuma classificação da espécie humana com base nesses critérios e que não há relação de superioridade genética entre os povos. No Brasil, o racismo é crime de acordo com a Lei nº 7.716/1989. O crime de racismo não prescreve e não dá direito à fiança.

O objetivo dessas questões é aproximar mais os estudantes da percepção da existência ou não de racismo na realidade em que vivem. Pode haver casos de pessoas racistas na escola e casos de pessoas que sofrem com o racismo; é possível que essas situações sejam latentes ou estejam em plena situação conflituosa. Em qualquer uma das situações, a reflexão individual é mobilizadora de sentimentos importantes para este projeto a fim de iniciar um olhar cuidadoso sobre o tema racismo.

Professor, nesse momento, comente de modo sucinto o que é fenótipo e genótipo, e os conceitos de DNA e gene.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Raça e etnia

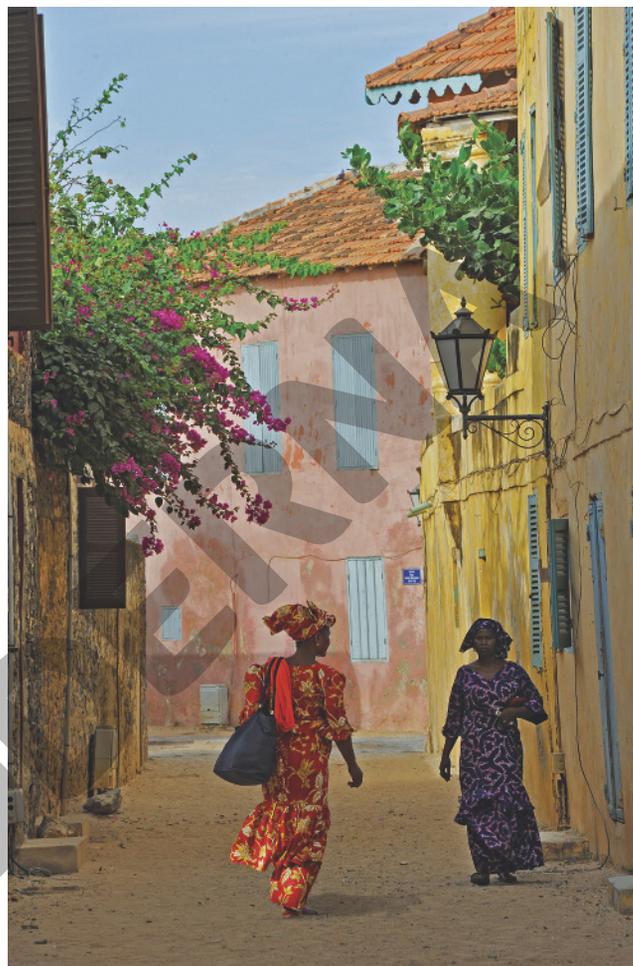
Raça é diferente de etnia, palavra que deriva do grego *ethnos*, que significa “costume”. O termo etnia tem sido empregado para populações humanas que possuem origem comum, as mesmas tradições, cultura, religião e idioma.

De acordo com o trabalho “Reflexões sobre os conceitos de raça e etnia”, de Maria Aparecida Lima Silva e Rafael Lima Silva Soares:

[...] o conceito de etnia traz à baila as noções do universo cultural que cerca o indivíduo, o fazer parte de um grupo étnico não significa somente, ou necessariamente, ser possuidor de fatores morfológicos como cor da pele, constituição física, tipo de cabelo, nariz, estatura ou traço facial. O conceito de etnia, aplicado nesse sentido, avança na intenção de compreender a dimensão sociocultural e as experiências semelhantes que ligariam indivíduos, povos e sociedades no mesmo grupo. Além disso, o uso de “raça” no desígnio de grupos sociais humanos, do ponto de vista das ciências naturais, apresenta um erro, pois sugere que atualmente não há somente uma raça humana, mas sim várias, teoria que há muito se prova inconsistente [...].

[...] O conceito de etnia, moderno, aplicado para designar um grupo, tendo em vista características comuns e universo cultural semelhante, apresenta um avanço, pois para além das características biológicas, outros aspectos passam também a ser cruciais como o universo cultural no qual essas pessoas estão inseridas, as instituições ou mesmo a situação na qual esses indivíduos se encontram.

Fonte: SILVA, M. A. L.; SOARES, R. L. S. Reflexões sobre os conceitos de raça e etnia. *Entrelaçando: Revista Eletrônica de Culturas e Educação - Caderno Temático: Educação e Africanidades*, n. 4, p. 99-115, 2011. Disponível em: <<https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/133?download=144>>. Acesso em: 5 dez. 2019.



As etnias estão relacionadas aos traços culturais dos povos. Mulheres em Senegal, África, 2016.



Mulheres da Etiópia passeando em ruas de Roma, Itália, 2018.



Grupo folclórico do Quênia (África) se apresentando em um dos maiores festivais culturais ao ar livre da Europa. Festival da Quaresma, em Maribor, Eslovênia, 2018.

Preconceito

O preconceito, como o próprio significado etimológico da palavra diz (*pré*, algo anterior, e *conceito*, aquilo que se entende ou se compreende de algo), é a opinião prévia ou o julgamento prévio que as pessoas têm a respeito de um tema.

Discriminação

A discriminação corresponde a condutas que violam os direitos humanos, sendo a materialização do racismo e do preconceito. Segundo a Convenção da ONU de 1966, que teve como tema “Eliminação de todas as formas de discriminação racial”, a discriminação racial representa qualquer distinção, exclusão, restrição ou adoção de preferências baseadas em raça, cor, ascendência ou origem nacional ou étnica, que tenham como objeto ou efeito anular ou restringir os direitos humanos e as liberdades fundamentais das pessoas. No Brasil, a discriminação é crime de acordo com as Leis nº 7.716/89 e nº 9.459/97.

Além das leis citadas, o artigo 140 do Código Penal estabelece como crime de injúria a ofensa à dignidade de alguém:

[...] na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência.

BRASIL. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. *Código Penal*. Brasília: DF, 2017. p. 57. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Estereótipo

O estereótipo pode ser entendido como o “padrão estabelecido sem o conhecimento sobre o assunto em questão”, ou seja, baseado no senso comum.

Bullying

O racismo, o preconceito e a discriminação, sejam em razão da cor da pele, sejam em razão de outra condição humana, como orientação sexual, religião, qualquer tipo de deficiência, podem desencadear o *bullying*, palavra inglesa interpretada como atos intencionais de intimidar ou ameaçar alguém de modo recorrente. Esses atos podem ser físicos, verbais, virtuais, sexuais ou praticados por meio de outras formas de intimidação. O *bullying* é uma prática que traz danos psicológicos à vítima, desencadeia baixa autoestima, ansiedade, depressão e, em casos mais agudos, pode levar ao suicídio.

Dia da Consciência Negra

No Brasil, comemoramos o Dia Nacional de Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra em 20 de novembro, instituído oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. A data faz referência à morte de Zumbi, o então líder do Quilombo dos Palmares – situado entre os estados de Alagoas e Pernambuco, na Região Nordeste do Brasil.

O Dia da Consciência Negra é importante para relembramos que nossa sociedade foi construída por meio da escravidão, e para discutir as diferenças de oportunidade decorrentes de atitudes racistas no cotidiano, além da possibilidade de favorecer o conhecimento e a propagação de informações sobre a cultura africana.

Sugestões de leitura:

• MOURA, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

No livro, o autor relaciona os problemas enfrentados pelos negros no Brasil com questões estruturais da construção de nossa sociedade.

• MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. À luz do multiculturalismo, o autor chama os estudiosos da questão a rediscutirem a identidade nacional brasileira.

- 4 Observem as imagens a seguir e analisem as mensagens sobre o dia da Consciência Negra.



MEDIA24/GALLO IMAGES/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

“
Ninguém nasce odiando
outra pessoa pela cor de
sua pele, por sua origem ou
ainda por sua religião.
Para odiar, as pessoas
precisam aprender, e se
podem aprender a odiar, elas
podem ser ensinadas a amar.”
”

Nelson Mandela (1918-2013) é considerado o símbolo da luta contra o *Apartheid* e da recuperação da África do Sul. Essa frase foi escrita por Mandela em sua autobiografia, publicada em 1994.



MAURO AKIN NASSOR/FOTORAENA

“ Não sou descendente de escravos.
Eu descendo de seres humanos
que foram escravizados.”

Valdina de Oliveira Pinto, conhecida como Makota Valdina (1943-2019) foi uma educadora e ativista brasileira na luta contra o racismo.



IHNATOVICH MARYIA/SHUTTERSTOCK

Cartaz sobre o dia da Consciência Negra.

Agora, discutam as questões a seguir e registrem as respostas no caderno de anotações.

- O que acham dessas imagens? Destaquem o que mais chamou a atenção de vocês nas mensagens que elas transmitem. *Resposta pessoal.*
- Vocês consideram importante ter uma data destinada ao tema racismo? Ou consideram que essa discussão deveria acontecer independentemente de uma data específica? *Resposta pessoal.*

- c) Com os outros grupos, escolham uma imagem e elaborem um texto para associar a ela, que represente a opinião da classe, com base no que foi obtido como consenso nas discussões aqui levantadas.
- d) Como atividade para a classe sob a orientação do professor, retomem o título deste projeto integrador (#DécadaAfro) e os objetivos enumerados pela ONU para a Década Afro. Pensem em como poderiam iniciar a publicação em rede social ou até mesmo gravar um *podcast* em que abordem a importância da década afro no combate ao racismo. Como ponto de partida para as postagens, vocês poderiam utilizar as discussões aqui iniciadas e o produto que elaboraram no item anterior. Quando tiverem a data da apresentação da peça teatral (que será o produto final do projeto), pensem em como vão divulgá-la nas redes sociais da escola ou da classe.

Etapa 3

Um breve resumo da história do racismo e da influência da biologia

Nesta etapa e na próxima, vamos discutir os argumentos científicos da área de Ciências da Natureza que são importantes no combate ao racismo. Quanto mais informações científicas tivermos, mais argumentos para desmistificar interpretações equivocadas poderemos reunir.

De acordo com o artigo *História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados*, de Antônio Olímpio de Sant'Ana:

[...] a discriminação racial como ela se apresenta hoje é relativamente recente. Não havia preconceito racial antes do século XV [...].

[...] O racismo não surgiu de uma hora para outra. Ele é fruto de um longo processo de amadurecimento, objetivando usar a mão de obra barata através da exploração dos povos colonizados. Exploração que gerava riqueza e poder, sem nenhum custo-extra para o branco colonizador e opressor.

O racismo entre os seres humanos foi surgindo e se consolidando aos poucos. [...]

O século XIX foi o da consolidação das doutrinas racistas. [...]

Fonte: SANT'ANA, A. O. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, K. (org.). *Superando o racismo na escola*, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2. ed. Brasília: DF, 2005, 204 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Infelizmente, no século XIX ideias racistas foram apoiadas em interpretações equivocadas da teoria darwiniana de evolução por seleção natural, publicada em 1859 pelo naturalista britânico **Charles Darwin** (1809-1882). Segundo a teoria de Darwin, o ambiente seleciona os mais aptos a determinada condição do meio. Estes têm mais chances de obter alimento e se reproduzir, passando aos descendentes essas características vantajosas. Com isso, as populações vão se modificando ao longo do tempo. Essas ideias também se aplicam à evolução humana, como Darwin argumentou.

Para aprofundar os estudos nessa discussão, sugerimos as seguintes fontes:

- DIOP, C. A. A origem africana da civilização: mito ou verdade. Nova Iorque: Lawrance Hill & Co, 1974. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civiliza%C3%A7%C3%A3o-ptbr-completo.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- GOÉS, W. L. Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl. São Paulo: Liber Ars, 1969. O livro trata da influência das ideias dos filósofos do Círculo de Viena no Brasil, especialmente das teorias eugenistas do médico sanitário Weber Lopes Goés.

No final do século XIX e começo do XX, essas ideias foram reinterpretadas e aplicadas no contexto social, dando origem ao chamado **Darwinismo social**, segundo o qual, incorretamente, há distinção entre raças superiores, representadas pelos brancos europeus, e inferiores, representadas pelos negros e judeus. Essa interpretação gerou a crença de que as raças superiores deveriam “dominar” as inferiores com o objetivo de “civilizá-las”, pois estas são mais fracas e incapazes. Isso valorizou e justificou o colonialismo europeu.

Ainda no século XIX, o primo de Darwin, Francis Galton (1822-1911), publicou em 1869 o livro *Hereditary Genius*, no qual aparece pela primeira vez o termo **eugenia**, definida na obra como ciência do aperfeiçoamento da raça humana. Segundo essa teoria, deveria ser criada uma elite genética com base na reprodução seletiva apenas entre pessoas pertencentes à raça branca, considerada por ele superior. Com essa forma de reprodução seletiva, seria possível promover a melhoria da espécie humana, de acordo com os preconceitos de Galton.

Como se pode notar, um importante conceito científico foi utilizado de maneira equivocada e mal-intencionada, contribuindo para o surgimento do chamado **racismo “científico”**, empregado para justificar atrocidades como o nazismo, a divisão de raças com a supremacia branca, a esterilização de pessoas consideradas inferiores e o genocídio.

No Brasil, essas ideias foram utilizadas para justificar a escravidão e, mesmo após o fim da escravatura, elas prevaleceram em outras esferas, como na Medicina.

SAIBA +

Leia a seguir um trecho do trabalho “Darwinismo social, eugenia e racismo ‘científico’: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras”, em que esse aspecto é comentado.

A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)

Os aspectos eugênicos do povo brasileiro foram defendidos inicialmente pelos historiadores, sociólogos, advogados, literatos etc. e, em seguida, muito fortemente pelos médicos.

Em 1923, é fundada a Liga Brasileira de Higiene Mental, no Rio de Janeiro, pelo psiquiatra Gustavo Riedel, com o objetivo inicial de melhorar a assistência psiquiátrica, renovando os quadros profissionais e os estabelecimentos para doentes mentais. Mas, a partir de 1926, estas metas foram desviadas para enfatizar programas de prevenção eugênica, baseados inclusive na psiquiatria nazista. Os médicos assumiram o papel de mandatários da ordem social e endossaram os preconceitos culturais da época. [...]

Começaram a solicitar a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial, a exigir a proibição da imigração de indivíduos não brancos, a insistir nos três instrumentos jurídico-instrumentais idealizados por Hitler (instalação de tribunais de eugenia, reforma eugênica dos salários e seguro paternidade eugênico). Acreditavam que os vícios, a ociosidade e a miscigenação racial eram responsáveis pela degradação moral e social do Brasil. Assim, a pobreza e decadência moral eram devidas ao alcoolismo; a sífilis, sendo mais generalizada entre os negros, tornou-se atributo do patrimônio genético dos mesmos; a desorganização política e social do país era devida à miscigenação racial. [...]

Fonte: BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Revista *Educar*, n. 12, p. 153-165, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n12/n12a14.pdf>>.

Acesso em: 5 dez. 2019.

Nesse momento, é interessante ampliar a discussão sobre seleção natural e outros fatores evolutivos além dela, como mutações, permutação e deriva.

Professor, caso seja possível, seria interessante a leitura e a discussão do trabalho citado na íntegra.

Como se pode notar, na época, até mesmo a sífilis, uma doença sexualmente transmissível, foi atribuída ao patrimônio genético dos negros.

Apesar de o conhecimento em biologia do século XIX e início do século XX ter sido empregado por alguns para o desenvolvimento dessas ideias equivocadas e perigosas, a partir do final do século XX, com os avanços da Genética, da biologia molecular e da base teórica da biologia evolutiva, as ciências biológicas trouxeram fortes argumentos contrários à existência de raças na espécie humana e contestaram qualquer indício do que se poderia chamar de superioridade racial.

Um dos trabalhos marcantes nesse sentido foi feito em 1998 por uma equipe coordenada pelo biólogo estadunidense Alan Templeton, que analisou mais de oito mil amostras genéticas colhidas aleatoriamente de pessoas de todo o mundo. Nele, se concluiu que as diferenças genéticas entre grupos das mais distintas etnias são insignificantes e não se justifica o uso de classificação em raças em humanos.

A dificuldade em estabelecer critérios para definir subgrupos dentro de uma espécie não está restrita à espécie humana. A validade desses subgrupos, que se convencionou chamar de raças ou subespécies, tem sido questionada por pesquisadores dos mais diversos campos da biologia. Hoje, o conceito de subespécie é considerado pouco confiável e pouco útil de ser aplicado na classificação de seres vivos em geral. Além disso, a definição do que é uma espécie tem sido alvo de debates entre os pesquisadores, sendo um conceito em constante revisão e cujo consenso ainda está em elaboração.

▶ ATIVIDADE

Ver respostas e orientações no *Suplemento do Professor*. **Registre no caderno**

- 1 Em grupo, selecionem trechos dos textos que foram abordados nesta etapa e que poderão ser empregados como argumentos em um processo de mediação de conflitos raciais, evidenciando que a ciência atual não corrobora a hipótese de existência de raças em seres humanos.

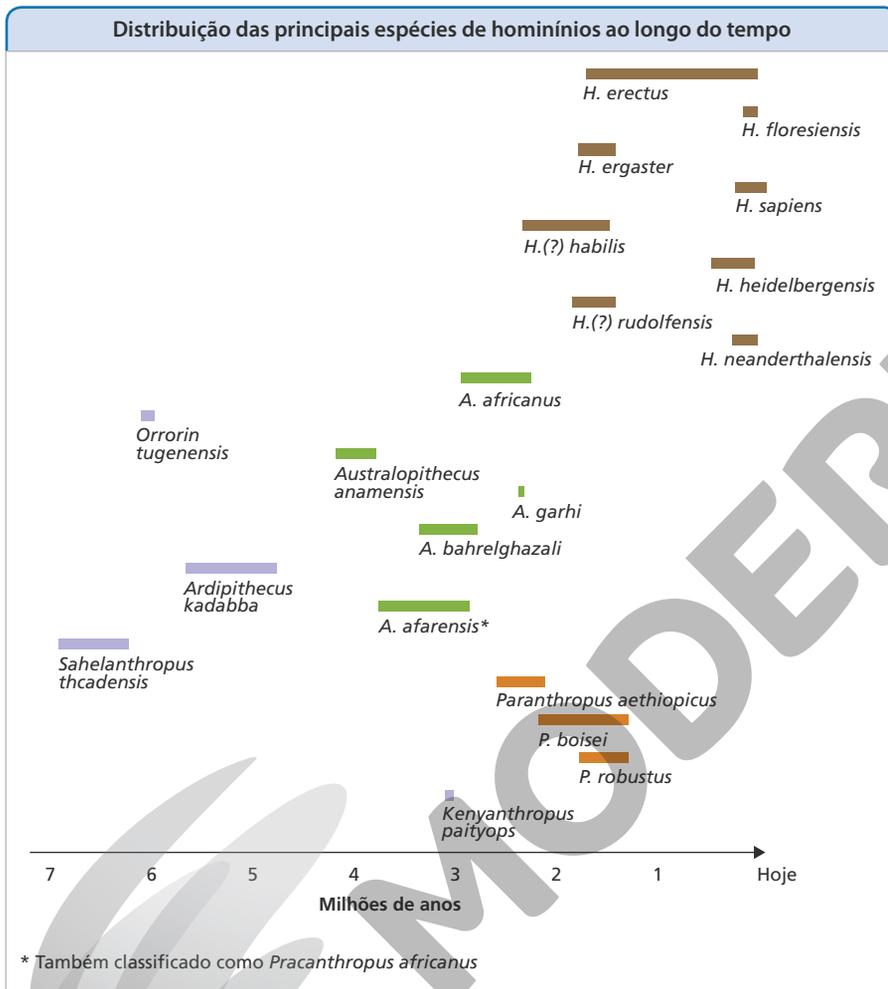
Etapa 4

Uma breve história da evolução humana e da cor da pele

A origem da espécie humana e sua evolução é objeto de muitos estudos nos dias de hoje, sendo comuns divergências de algumas informações. Há, porém, consenso entre os pesquisadores a respeito da origem: a espécie humana surgiu na África e se espalhou pelo globo; concordam também que não há diferenças genéticas nem evolutivas que apoiem a existência de raças. Existem diferentes etnias, fruto de uma evolução cultural. Além disso, é consenso que a linhagem da espécie humana compartilha o mesmo ancestral com a linhagem dos chimpanzés. Pesquisas genéticas realizadas comparando o genoma dos chimpanzés com o da espécie humana indicaram que há 99% de semelhança entre eles.

Nesse momento, seria interessante debater com os estudantes o que é genoma. Se possível, discuta com eles o trabalho escrito pelo Dr. Walter Neves, intitulado “E no princípio... era o macaco!”. Nesse trabalho, discute-se a evolução da linhagem dos homínios desde que ela se separou, há cerca de 7 milhões de anos, do ancestral comum que compartilhou com a linhagem dos chimpanzés. Assim, humanos e chimpanzés atuais são fruto de um processo evolutivo de 7 milhões de anos, cada linhagem com sua história a partir do momento de sua separação.

- 1 A imagem a seguir apresenta um resumo da distribuição ao longo do tempo (em milhões de anos) das principais espécies da linhagem da espécie humana. Essa linhagem inclui o *Homo sapiens* e todos os seus ancestrais bípedes conhecidos por meio de fósseis, que compõe o grupo dos Hominini (hominínios).



Distribuição ao longo do tempo (em milhões de anos) das principais espécies da história evolutiva hominínia, de acordo com dados científicos disponíveis até o momento.

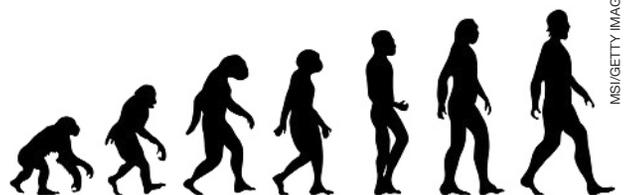
Fonte: NEVES, W. E no princípio... era o macaco! *Estudos Avançados*, 20 (58), 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/21.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

- Todas essas espécies, exceto *Homo neanderthalensis*, foram registradas na África. Analisando essa história evolutiva, imagine se você pudesse voltar no tempo e passear pela África por volta de 1,5 milhão de anos. Quais espécies de hominínios encontraria? O que esses dados indicam em termos de evolução humana?

Atividade em grupo

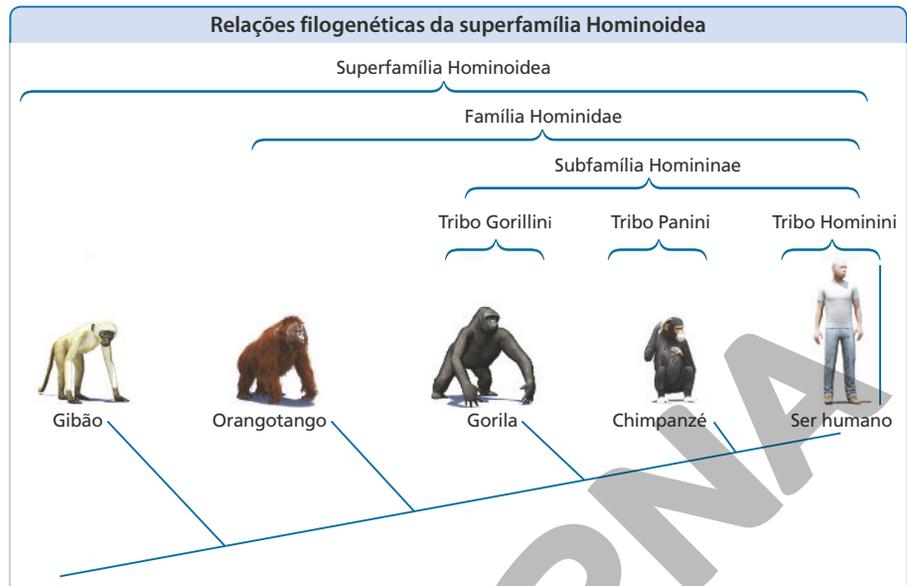
- 2 Comparem a resposta dada à questão anterior com a imagem comumente utilizada em vários meios de divulgação para abordar a evolução humana.

- Descrevam a mensagem que essa imagem passa sobre a evolução humana e digam se ela é adequada para representar essa evolução.



- 3 Analisem o cladograma a seguir que apresenta uma das hipóteses de relações filogenéticas entre os primatas da superfamília Hominoidea, grupo de mamíferos que inclui os gibões, os orangotangos, os gorilas, os chimpanzés, a espécie humana e todos os fósseis dessas linhagens.

Cladograma representando relações filogenéticas entre os membros da superfamília *Hominoidea*, grupo que congrega o gibão, o orangotango, o gorila, o chimpanzé e a espécie humana, bem como os ancestrais fósseis desses animais.

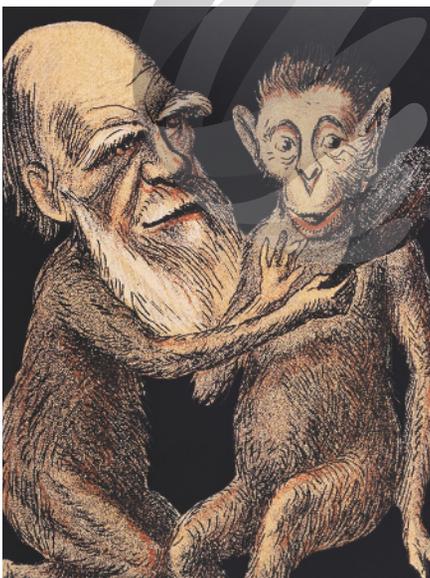


Fonte: McNulty, K. P. Hominin Taxonomy and Phylogeny: What's In A Name? *Nature Education Knowledge* 7(1):2. Disponível em: <<https://www.nature.com/scitable/knowledge/library/hominin-taxonomy-and-phylogeny-what-s-in-142102877/>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

- Localizem no cladograma as espécies que formam a família Hominidae (hominídeos). Quais são elas?
- Agora, localizem a subfamília Homininae. Quais espécies são classificadas dentro dela?
- Com base nesse cladograma, qual é o grupo evolutivamente mais próximo da espécie humana?
- Comparem a filogenia mostrada nesta questão com os dados mostrados na questão 1. Comparem também com a imagem mostrada na questão 2. No que elas diferem?

As ideias de Darwin, publicadas no livro *A origem das espécies*, causaram muita polêmica. Na época, elas foram criticadas principalmente no que se refere à evolução humana por seleção natural a partir de ancestrais primatas, assim como os macacos. Essas críticas aumentaram quando ele publicou, em 1871, o livro *A descendência do homem e seleção em relação ao sexo*. As críticas foram não apenas no campo das ideias, mas também de forma pejorativa, ofendendo a pessoa de Darwin, por meio de caricaturas que passaram a circular na época, nas quais ele era desenhado ora como macaco, ora conversando com eles.

Esse erro de interpretação e o uso dele para validar preconceitos continua nos dias de hoje. É o caso de ataques que têm sido publicados na mídia envolvendo profissionais negros, como atrizes, atores e jogadores e jogadoras de futebol. Além desses casos, a mídia também tem divulgado ataques racistas em escolas, envolvendo tanto alunos quanto professores. Nesses ataques, é comum o uso de piadas sobre a cor da pele e o aspecto do cabelo, entre outras ofensas graves.



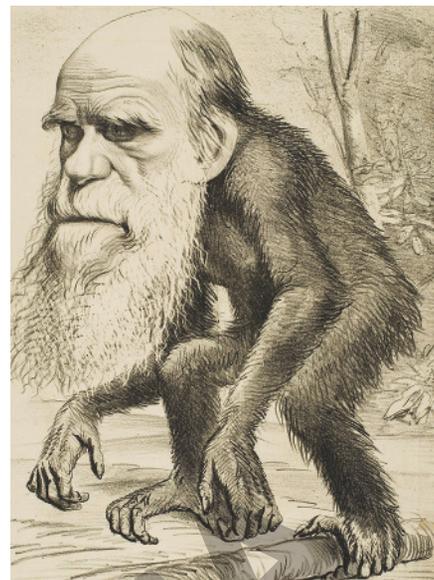
Caricatura de Darwin publicada em 1874 pela revista *The London Sketch-Book*.

Historicamente, o traço humano mais utilizado para falar em “raça” é a cor da pele. Vamos procurar entender como deve ter ocorrido a variação da cor da pele humana, visando deixar evidente que esse é apenas um dos muitos traços evolutivos de nossa espécie e que ele, juntamente com todos os demais dados que temos disponíveis, não valida a hipótese de existência de raças humanas. Compreender isso é importante, pois teremos ainda mais argumentos baseados em fatos e dados científicos que vêm sendo consistentemente corroborados nas pesquisas atuais para combater o racismo.

Quando se analisa a variação da pigmentação da pele em seres humanos, verifica-se que populações que vivem em latitudes mais baixas, ao redor do equador, têm pele mais escura e as que vivem em latitudes maiores têm pele mais clara. Essas diferenças estão correlacionadas com a variação geográfica e ambiental decorrente dos níveis de radiação ultravioleta (UV).

A maior pigmentação da pele reduz o impacto negativo da alta exposição aos raios UV, que poderia causar prejuízos à saúde como câncer de pele e degradação de folato (ou ácido fólico), uma vitamina do complexo B. Essa vitamina, aliada à vitamina B₁₂, atua na formação de glóbulos vermelhos do sangue, na duplicação do DNA e é importante para o bom desenvolvimento do feto. Sua degradação pelos raios UV é prejudicial à saúde, e esse é um dos fatores de seleção a favor de peles escuras em locais onde os níveis dessa radiação são elevados.

Em contrapartida, os raios UV são importantes para a síntese da vitamina D₃, que atua no combate ao raquitismo.



Caricatura de Charles Darwin, publicada originalmente na revista *The Hornet*, em 1871.

Nesse momento, seria interessante comentar mais informações sobre a radiação UV explicando o que é UVA, UVB e UVC e a ação delas na pele humana. Uma fonte sugerida está disponível em: <<https://www.ufrgs.br/telessaunders/noticias/queimaduras-solares/>>. Acesso em: 5 dez. 2019. Seria interessante também falar dos protetores solares:

- FLOR, J. et al. Protetores solares. *Química Nova*, v. 30, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&id=S0100-40422007000100027>. Acesso em: 18 dez. 2019.

SAIBA +

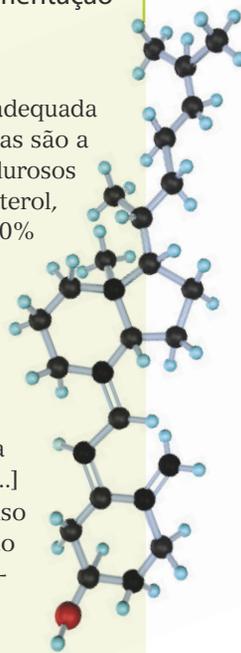
Para entender melhor como é a relação entre raios UV, pigmentação da pele e síntese de vitamina D, leia o seguinte texto:

Vitamina D

Nos seres humanos, apenas 10% a 20% da vitamina D necessária à adequada função do organismo provém da dieta. As principais fontes dietéticas são a vitamina D₃ (colecalciferol, de origem animal, presente nos peixes gordurosos de água fria e profunda, como atum e salmão) e a vitamina D₂ (ergosterol, de origem vegetal, presente nos fungos comestíveis). Os restantes 80% a 90% são sintetizados endogenamente. [...]

A etapa inicial no processo de síntese endógena das moléculas do grupo vitamina D se inicia nas camadas profundas da epiderme (estratos espinhoso e basal), onde está armazenada a substância precursora, o 7-deidrocolesterol (7-DHC), localizado na camada bilipídica das membranas celulares. Para que haja adequadas concentrações do 7-DHC, é preciso que a 7-deidrocolesterol-redutase (DHCR7), enzima que converte o 7-DHC em colesterol, apresente atividade adequada. [...]

Para que esse processo de ativação da vitamina D se inicie, é preciso que o indivíduo receba a luz solar direta, especificamente a radiação ultravioleta B (UVB) nos comprimentos de onda entre 290 e 315 nanômetros. Em decorrência da posição do eixo em que a Terra translaçiona em torno do Sol, quanto mais uma localidade se afasta da Linha do Equador, maior é a espessura da camada atmosférica que a luz solar deve atravessar, o que provoca atenuação em vários comprimentos de onda, entre eles a radiação UVB.



Representação da molécula da vitamina D₃.

Esse ângulo de incidência da luz solar sobre a Terra (zênite solar) também se modifica ao longo das estações do ano, sendo maior nos meses de inverno, quando a quantidade de raios UVB que atinge a superfície terrestre é menor. Dessa forma, a quantidade de raios UVB que atinge a pele dos indivíduos é uma função inversa da latitude e é menor nos meses de inverno.

Uma outra variável que está envolvida nessa etapa inicial de ativação da vitamina D é a quantidade de melanina na pele do indivíduo. Esse pigmento também compete pelo fóton da radiação UVB nos comprimentos de onda entre 290 e 315 nm, diminuindo a disponibilidade de fótons para a fotólise do 7-DHC. Os estudos mostram menores reservas da 25(OH)D em indivíduos negros quando comparados aos caucasianos, mas que as duas etnias têm a mesma capacidade de síntese de 25(OH)D, só que indivíduos com pele mais escura precisam de mais tempo de exposição ao Sol para sintetizarem a vitamina D₃.

Fonte: CASTRO, L. C. G. O sistema endocrinológico vitamina D. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*. v. 55, n. 8, São Paulo, nov. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27302011000800010>. Acesso em 21 dez. 2019. (Título adaptado.)

Como se pode notar, de acordo com esse texto, peles mais claras foram naturalmente selecionadas em regiões localizadas em latitudes maiores. Assim, um dos fatores de seleção provavelmente foi a influência dos raios UV na síntese de vitamina D.

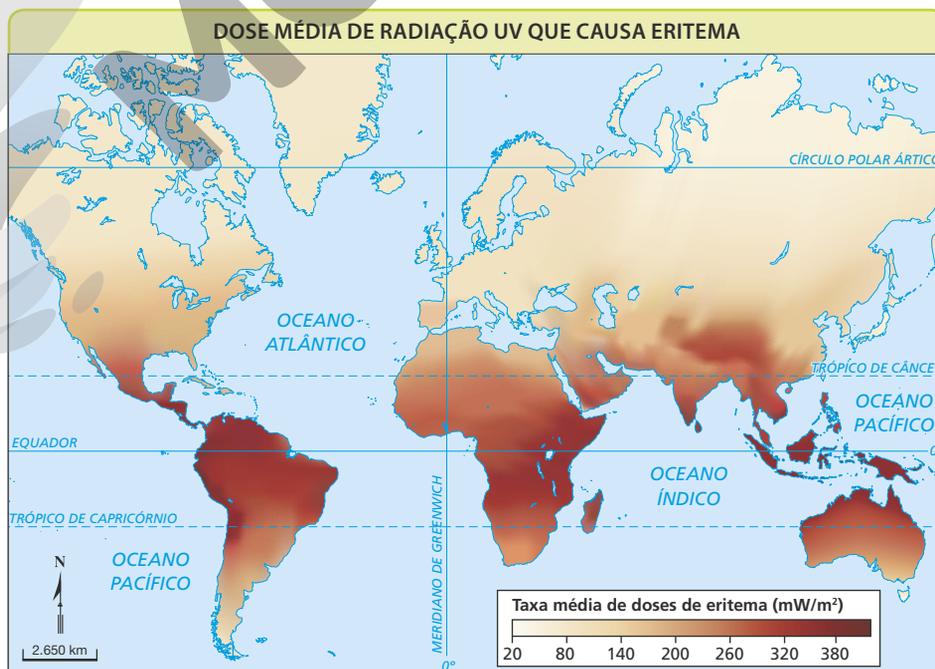
▶ ATIVIDADE

Ver respostas e orientações no *Suplemento do Professor*. **Registre no caderno**

Com seu grupo, analise e responda às questões a seguir, registrando as respostas no caderno de anotações.

- 4 O mapa a seguir mostra a dose média de radiação solar, nos diferentes locais do mundo, suficiente para causar eritema (vermelhidão na pele), definida nesse caso como a primeira fase de uma queimadura na pele causada pelo Sol. Esse valor corresponde à quantidade média de radiação que ao ser aplicada à pele a torna temporariamente vermelha.

O eritema é uma manifestação frequente de um grande número de afecções cutâneas, de causas externas (calor, fricção, luz solar, irritações químicas ou por picada de insetos etc.) ou internas (reflexos vasomotores de origem digestiva, medicamentosa, nervosa, psíquica, vascular etc.).



Fonte: CRAWFORD, N. G. et al. Loci associated with skin pigmentation identified in African populations. *Science*, v. 358, n. 6365, 17 nov. 2017. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/358/6365/eaan8433>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Mapa que mostra a variação da dose de radiação em diferentes partes do planeta capaz de causar vermelhidão na pele.

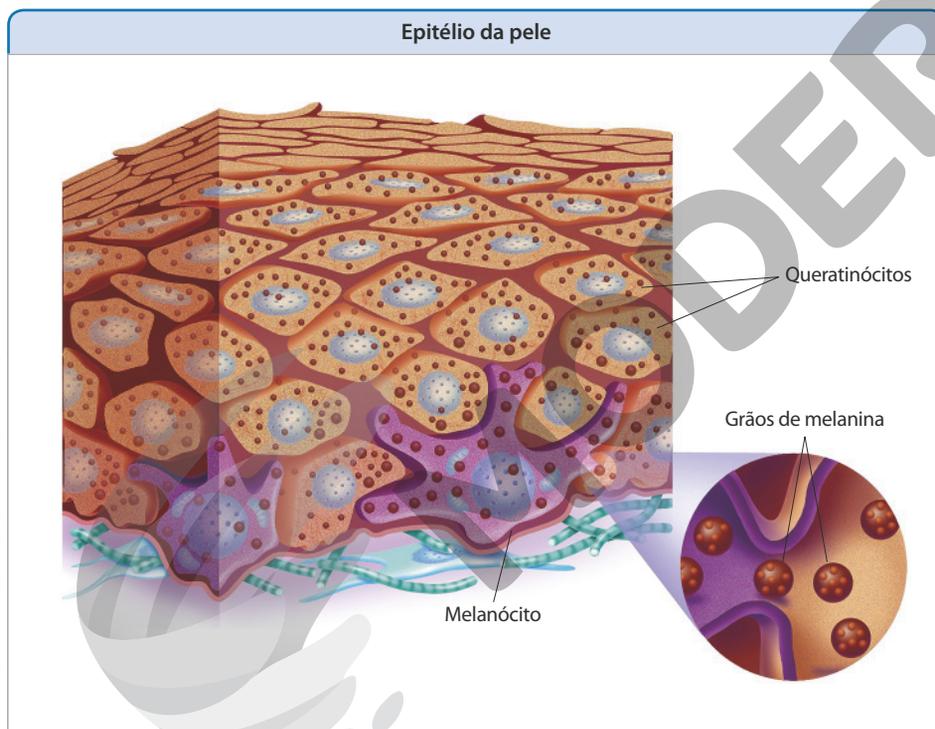
Ver respostas e orientações no *Suplemento do Professor*.

- a) Com base na interpretação desse mapa e no que discutimos anteriormente, o que se pode dizer do que ocorre em países de baixa latitude em relação à intensidade de radiação solar e à presença de eritema na pele? E em latitudes maiores? Qual é a relação entre esses dados (cor da pele, degradação do folato e síntese de vitamina D)?
- b) Como esses dados podem ser empregados na mediação de conflitos para evidenciar que a ciência atual não corrobora a hipótese de que a cor da pele é um fator que determina a existência de raças em seres humanos?

A camada basal da epiderme tem um tipo celular relacionado com a cor da pele: os melanócitos. Eles contêm organelas, chamadas melanossomos, nas quais o pigmento melanina é sintetizado e armazenado. Os melanossomos são depois fagocitados pelos queratinócitos.

A morfologia dos melanossomos e seu conteúdo diferem entre os melanócitos que sintetizam principalmente eumelanina (pigmento de cor marrom-escuro) e feomelanina (pigmento que varia desde o amarelo até o marrom-avermelhado).

Caso julgue oportuno, nesse momento poderia ser explicada a síntese desses tipos de melanina usando conceitos da Química.



Representação de corte da pele humana vista ao microscópio. O melanócito situa-se na camada mais profunda da epiderme e seus prolongamentos citoplasmáticos se estendem entre as células da epiderme. Os grãos de melanina são transferidos para os queratinócitos. (Imagem sem escala; cores-fantasia.)

A variação da pigmentação da pele se deve ao tipo e à quantidade de melanina sintetizada, ao tamanho dos melanossomos e à maneira como os queratinócitos adquirem e degradam a melanina. Esses processos são regulados por muitos genes. Assim, a herança da cor da pele é mais complexa do que se imaginava anteriormente, com genes atuando em vários processos celulares.

Um dos genes mais conhecidos é o chamado MC1R, receptor da melancortina. Ele codifica uma proteína que se localiza na membrana celular dos melanócitos. Essa proteína regula a proporção de feomelanina e de eumelanina na célula. Essa proporção é importante na determinação da cor da pele.

Comente com os estudantes que em textos jornalísticos nem sempre todo o rigor científico é seguido. Um exemplo nesse texto é a linguagem finalista no seguinte trecho: *É provável que quando perdemos a cobertura de pelos dos nossos corpos e nos movemos das florestas para as savanas, precisamos de peles mais escuras.* Abra a discussão com os estudantes para deixar claro que na evolução não existem soluções prontas, e ela não tem um objetivo ou uma finalidade.

SAIBA +

Genes revelam a evolução da cor da pele e rebatem teorias racistas

Estudo abre novos caminhos para pesquisas sobre o câncer e outras doenças cutâneas

[...]

Uma equipe internacional de geneticistas identificou oito variantes genéticas compartilhadas por populações ao redor do mundo que influenciam a pigmentação, algumas presentes em ancestrais distantes dos humanos, antes mesmo de o humano moderno ter surgido, há cerca de 600 mil anos. Além de explicar a variedade de tons, a descoberta abre caminho para novas pesquisas sobre o melanoma e outras doenças de pele.

— Nós identificamos novas variantes genéticas que contribuem para um dos traços mais variáveis entre os seres humanos modernos — explicou Sarah Tishkoff, geneticista da Universidade da Pensilvânia e coautora da pesquisa. — Quando as pessoas pensam sobre a cor da pele na África, a maioria pensa na pele negra, mas nós mostramos que dentro do continente existe uma grande quantidade de variações, desde a pele tão clara como a de alguns asiáticos aos tons mais escuros, e tudo o que se encontra entre eles. Nós identificamos variantes genéticas que afetam esses traços e mostramos que mutações influenciam o tom da pele há muito tempo, antes mesmo da origem dos humanos modernos.

No estudo, os pesquisadores mediram a coloração da pele de 2.092 voluntários africanos para determinar os níveis de melanina, composto responsável pela coloração da pele, cabelos e dos olhos e da proteção das células cutâneas contra a radiação ultravioleta.

Depois, o DNA de 1.593 dos participantes foi sequenciado, para determinar os alelos — formas alternativas de um mesmo gene ou *locus* genético — responsáveis pelos diferentes tons de pele. Os resultados apontaram para quatro áreas chave do genoma onde a variação dos alelos se correlacionava com as diferenças na cor da pele.

A região com maior correlação foi no gene SLC24A5, uma variante conhecida por seu papel na coloração clara da pele em europeus e algumas populações asiáticas, surgida há mais de 30 mil anos. O estudo demonstrou que ela está presente em populações da Etiópia e da Tanzânia, regiões conhecidas por terem povoado o Sudeste Asiático e o Oriente Médio, sugerindo que a característica foi levada a partir da África para outras partes do planeta.

A segunda maior correlação foi detectada no gene MFSD12. Mutações nesta área do genoma estão associadas com a pigmentação escura presente em populações ancestrais nilo-saarianas e subsaarianas. Essas variantes também foram identificadas [em] populações na Índia e da Melanésia, que tendem a ter a pele escura. [...]

[...] O estudo mostra que a maior parte das variantes genéticas associadas com a pigmentação da pele se originaram há mais de 300 mil anos, muito antes do surgimento do humano moderno. E em muitos casos a mutação mais antiga estava associada à pele branca, sugerindo que, talvez, os ancestrais humanos tinham a pele clara.

— Se você raspar os pelos de um chimpanzé, verá a pigmentação clara — sugeriu Tishkoff. — Então, faz sentido que a cor da pele dos ancestrais dos humanos modernos fosse relativamente clara. É provável que quando perdemos a cobertura de pelos dos nossos corpos e nos movemos das florestas para as savanas, precisamos de peles mais escuras. E as mutações tanto para a pele clara como a escura continuaram evoluindo nos humanos.

Pela análise genética, o estudo demonstrou que algumas variantes de populações de pele mais escura, como as presentes em alguns povoados no leste da África, evoluíram de ancestrais de pele mais clara, e que a baixa pigmentação está presente há milhares de anos no DNA de ancestrais do humano moderno, derrubando a tese de supremacistas de que os brancos europeus são superiores ou mais evoluídos.

[...]

Fonte: Genes revelam a evolução da cor da pele e rebatem teorias racistas. *O Globo*, 12/10/2017.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/genes-revelam-evolucao-da-cor-da-pele-rebatem-teorias-racistas-21941459>>.

Acesso em: 5 dez. 2019.

No continente africano, os integrantes do povo Mursi são os que têm um dos tons de pele mais escuros. Mulher do povo Mursi (Etiópia, 2019).

A diversidade de tons de pele é tão grande que, para estudá-los, pesquisadores utilizam aparelhos que medem a reflectância da pele, tamanha a dificuldade em classificar os vários tons. A **reflectância** (R) é a razão entre a intensidade de energia incidente e a intensidade de energia que é refletida pela superfície. Pesquisadores que estudaram a variação de tons de pele em indivíduos na África mediram a reflectância da pele da região interna do braço de pessoas de diferentes países africanos como um índice da quantidade de melanina.

▶ ATIVIDADES

Ver respostas e orientações no *Suplemento do Professor*. **Atividade em grupo**

Com seu grupo, analisem e respondam ao que se pede, registrando as respostas no caderno de anotações.

- 5 Em grupo, selecionem trechos do artigo anterior que possam ser usados como argumentos que corroboram a hipótese de que não há raças na espécie humana.
- 6 Selecionem trechos desse artigo que discutem a cor da pele do ancestral compartilhado com a linhagem da espécie humana e a dos chimpanzés.
- 7 Analisem em grupo a seguinte tirinha:



- A ignorância a que se refere o personagem na tirinha está relacionada a quais aspectos que abordamos nas questões anteriores? De que maneira o esclarecimento desses aspectos pode ser usado como argumento a favor da inexistência de raças na espécie humana na mediação de conflitos?

Etapa 5

Identificando e reconhecendo casos de racismo na escola e refletindo sobre maneiras de mediá-los

Identificar e reconhecer a existência de um conflito são passos importantes que podem levar a propostas de solução. Eles podem ser mediados, desde que ambas as partes estejam de forma voluntária dispostas a isso.

Muitas vezes, diante de um conflito, temos reações que podem ser classificadas principalmente em: **fuga**, **luta** ou **subordinação**.

A fuga é uma reação que consiste em tentar evitar a situação e se remover dela. Essa reação não só adia o conflito em si, mas pode convencer as outras partes a mudar sua estratégia e às vezes prosseguir de forma mais agressiva.

No caso da luta, a reação é agressiva e as partes envolvidas são tratadas como oponentes que, muitas vezes, devem ser derrotadas ou até eliminadas.

A reação de subordinação é comumente adotada pela parte mais fraca em um relacionamento de forças que estão em desequilíbrio, abrindo mão de sua posição no conflito. Portanto, fugir de um conflito não é a solução para o problema, muito menos se subordinar a atitudes que possam causar dor e sofrimento. Lutar gera mais conflito. A resolução de conflitos com base no diálogo, na mediação, faz parte da construção de uma sociedade mais justa, que valoriza a cultura de paz.

Nesta etapa, sugerimos a você e aos seus colegas que reflitam a respeito de temas que envolvem questões ligadas à cor da pele presentes na sua realidade e casos de *bullying* relacionados a esse aspecto. Para isso, propomos que realizem, sob a orientação dos professores, as atividades a seguir. Registrem no caderno de anotações as reflexões da classe, bem como seus sentimentos e suas reflexões pessoais.

As ponderações que surgirem desta sequência de atividades podem ser aplicadas no momento em que vocês forem montar o cenário para a peça teatral que vão planejar e executar. Assim, elementos que analisaremos nesta etapa podem colaborar com a construção da peça teatral de vocês.

Essa etapa poderia ser ampliada com uma outra atividade para dar visibilidade a pessoas que foram ou são importantes na construção da história do Brasil. Sugerimos que proponha aos estudantes uma pesquisa sobre pessoas negras que se destacaram em diversos campos. Essa sugestão favorece o trabalho como tema transversal multiculturalismo. Ao final, sugira a eles que organizem uma exposição na escola com o material pesquisado. Peça também que cada grupo escolha uma ou duas dessas pessoas e façam vídeos a respeito delas e divulguem nas redes sociais da classe ou da escola. Essa sugestão possibilita também uma discussão sobre mercado de trabalho, tocando no tema economia.

PARA VOCÊ SABER MAIS

As notícias a seguir abordam as desigualdades no mercado de trabalho considerando negros e brancos.

- Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>>.

- Negros ganham 42,5% menos e ocupam 30% dos cargos de chefia.

Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/negros-ganham-425-menos-e-ocupam-30-dos-cargos-de-chefia-13112019?>>.

Acessos em: 6 dez. 2019.

A pesquisa *Nós e as desigualdades*, da Oxfam Brasil em parceria com o Instituto Datafolha, é um registro da opinião pública sobre o tema das desigualdades no país. Disponível em: <<https://oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/pesquisa-nos-e-as-desigualdades/>>. Acesso em: 8 jan. 2020.

ATIVIDADES

Ver respostas e orientações no *Suplemento do Professor*. **Atividade em grupo**

- 1 Cada grupo vai ficar responsável por escolher o elenco para uma peça teatral (não é a peça de vocês; este é apenas um exercício) em que há personagens que interpretam os seguintes papéis: médico, enfermeiro, motorista, policial, ladrão, professor, diretor de empresa, gerente de loja, jardineiro, faxineiro, advogado e garçom.
 - Utilizando as categorias de cor de pele adotadas pelo IBGE, os candidatos a esses papéis são:
 - ✓ seis mulheres: duas pretas, duas brancas e duas pardas;
 - ✓ seis homens: dois pretos, dois brancos e dois pardos.

Todos os candidatos devem ser encaixados nesses papéis.

 - Como seu grupo distribuiria os papéis entre essas pessoas? Justifiquem suas escolhas e registrem-nas no caderno de anotações. Compartilhem suas escolhas e justificativas com os outros grupos, escrevendo o elenco escolhido por seu grupo na lousa. *Respostas pessoais.*
- 2 Agora, a classe como um todo deve chegar a um acordo sobre a escolha do elenco, fazendo isso de forma dialogada. *Respostas pessoais.*
- 3 Cada grupo deve procurar reportagens relacionadas ao mercado de trabalho para negros no Brasil e levar para discussão em sala de aula. Façam uma roda de conversa com toda a classe, sob a orientação dos professores.
 - a) Retomem o elenco que a classe escolheu na atividade anterior e discutam os textos que vocês pesquisaram sobre o mercado de trabalho para negros. O que mais chamou a atenção de vocês? O que esses textos indicam? *Respostas pessoais.*
 - b) Os dados dos artigos que leram e discutiram corroboram de alguma forma a seleção de papéis que vocês fizeram? Justifiquem sua resposta.
 - c) Qual é a percepção da classe quanto ao que as atividades 1 e 2, a leitura e a discussão dos textos da atividade 3 podem dizer a respeito de estereótipos e discriminação racial na sociedade como um todo? E em sua sala de aula? Como vocês se sentem em relação a isso? *Respostas pessoais.*

Etapa 6

Montagem da peça, ensaio e apresentação

Chegou o momento de elaborar a peça teatral. Na construção da peça teatral, procurem abordar situações com as quais os conhecimentos obtidos neste projeto sejam trabalhados. Para isso, vamos retomar a situação-problema proposta no início do projeto (conflito relacionado à cor da pele, na escola).

Ao elaborar o roteiro da peça teatral, considerem as reações naturais em um conflito. Lembrem-se de que conflitos não significam sempre intolerância ou desentendimento, nem se confundem com briga. Um conflito pode ser definido como a diferença entre dois objetivos que são buscados por partes de uma sociedade. Em contrapartida, quando aprendemos a lidar com o conflito de forma não violenta, deixamos de encará-lo como o oposto da paz e passamos a vê-lo como um dos modos de existir em sociedade.

Na peça, procurem representar exemplos de mediação de conflito, que:

- estimulem o pensamento crítico e criativo;
- melhorem a capacidade de tomar decisões;
- mostrem que sempre existem opções;
- incentivem formas diferentes de encarar problemas e situações;
- melhorem relacionamentos e o respeito pelas diferenças;
- promovam a autocompreensão;
- combatam o *bullying*.

Para esta etapa, é necessário que todos os pequenos grupos formados integrem na construção coletiva do roteiro. Pensem nos personagens envolvidos no conflito e em outros atuando como mediadores. As etapas do conflito e o papel dos mediadores devem ser trabalhados com base nas ideias debatidas até aqui. Os conteúdos científicos tratados neste projeto devem estar presentes nas falas evidenciando para todos que o racismo não tem fundamento em investigações científicas. Façam cópias das falas de cada personagem, mas deixem aberta a possibilidade de improvisos e alterações.

Uma vez elaborado o roteiro, agora a classe pode ser organizada em grupos menores, de modo que alguns vão pensar na construção física do cenário, do figurino, na sonoplastia, na divulgação, na gravação em áudio e vídeo da peça, entre outros aspectos.

Divulguem o evento por meio de alguma mídia ou rede social, utilizando a hashtag #DecadaAfro.

Ao pensar em mediação, além do que já comentamos, há algumas perguntas que merecem ser respondidas, pois ajudarão a construir os diálogos da peça.

- Qual foi exatamente o motivo que gerou esse conflito?
- Qual pode ser uma solução ótima para todos os envolvidos?
- O que se pode considerar um verdadeiro progresso na relação entre todos?
- Estará tudo bem para mim se... (estabelecer regras, condições).
- Nós concordamos em... (consenso de como as relações devem ser estabelecidas de modo harmonioso).

Depois que estiverem com os ensaios finalizados, façam uma apresentação prévia para alguns professores e alguns colegas da escola. Ouçam os comentários com o objetivo de melhorar o produto final. Aprimorem o trabalho e, com a direção e os professores da escola, marquem um dia para a apresentação para a comunidade escolar.



AUTOAVALIAÇÃO

Após a finalização do projeto, retome todo o processo pelo qual você passou desde o início dos trabalhos. Releia os registros feitos no caderno de anotações. Compare as respostas que deu à seção “Começo de conversa”. Como você as reescreveria depois de finalizado esse projeto? Descreva o que você aprendeu durante o desenvolvimento das atividades, da leitura dos textos, da pesquisa de fontes, analisando não apenas o conteúdo conceitual trabalhado, mas também atitudes, seu envolvimento com o tema do projeto e com as diferentes fases dele. Se você tivesse de refazer alguma etapa do processo, qual seria? O produto final ficou de acordo com o que você e seu grupo esperavam? O que mudaria no produto e/ou na forma de trabalhar?

Copie em seu caderno de anotações a tabela a seguir, que reúne alguns pontos de reflexão que poderiam ser usados na sua autoavaliação. Acrescente outros que considere relevantes e associe a cada um deles um número que represente o nível de concordância com base na seguinte escala:

1. Não concordo.
2. Concordo parcialmente.
3. Concordo plenamente.

Reflexão	Nível de concordância
Meu envolvimento nas diferentes fases do projeto correspondeu às minhas expectativas de aprendizagem.	
Meu envolvimento nas diferentes fases do projeto correspondeu às expectativas do meu grupo.	
Meu envolvimento nas diferentes fases do projeto correspondeu às expectativas dos meus professores.	
O produto final que desenvolvemos ficou de acordo com o que eu gostaria.	
O produto final que desenvolvemos ficou de acordo apenas com o que os demais membros do meu grupo gostariam.	
O produto final que desenvolvemos foi capaz de despertar o interesse da comunidade.	
Com o projeto, senti que houve aprimoramento das práticas de convivência escolar respeitando a diversidade de opiniões e as decisões coletivas.	

Agora compare suas anotações com as dos colegas de grupo. Foram semelhantes? Há algum objetivo/indicador que ainda precisa ser mais bem trabalhado, pois não conseguiram atendê-los? Como podem melhorar? Quais foram os principais aprendizados? Que perguntas ainda podem ser feitas sobre essas temáticas? Em que ainda querem aprofundar o assunto?

Finalizando esse processo reflexivo e autoavaliativo, é hora de partir para novos projetos.

NOVOS PROJETOS

O preconceito, a discriminação e o *bullying* não estão restritos à cor de pele. Há outros fatores na sociedade em geral que também são geradores de conflito, como religião, orientação sexual, formas de deficiência, como visuais, auditivas, entre outras. Seu grupo pode elaborar um novo projeto para abordar o tema integrador mediação de conflitos, escolhendo um dos tipos de discriminação que considerem mais relevantes na realidade de vocês. Proponham, com base em fatos e dados científicos, uma maneira de intervenção que possa contribuir na mediação do conflito.

PARA VOCÊ SABER MAIS

VÍDEO

• A saga da humanidade

Curso do Dr. Walter Neves, especialista em evolução humana, para o Canal USP que apresenta os pontos principais da evolução do *Homo sapiens*. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/a-saga-da-humanidade-em-12-videos/27272/>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

LIVRO, ARTIGOS E TEXTOS

BEZERRA, J. Preconceito, racismo e discriminação. *Diferença*. Disponível em: <<https://www.diferenca.com/preconceito-racismo-e-discriminacao/amp/>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Amplia a discussão a respeito de preconceito, racismo e discriminação, trazendo, além de outros exemplos, uma tabela comparativa em que são analisados: seus significados, os motivos geradores, o que podem resultar na sociedade, como se manifestam, qual a natureza e a ação legal.

• BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Revista *Educar*, n. 12, p.153-165, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n12/n12a14.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Texto que explica e contextualiza o que é darwinismo social, eugenia e racismo científico, com muitos exemplos da influência dessa interpretação errônea das ideias de Darwin na medicina, entre os intelectuais e na sociedade brasileira dos séculos XIX e meados do XX.

• BRASIL. Presidência da República. *Estatuto da Igualdade Racial*. Lei nº 12.288/2010. Brasília: DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Lei que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

• GODOY, N. Somos todos um só. *IstoÉ*, 18 nov. 1998. Disponível em: <<http://labs.icb.ufmg.br/lbem/aulas/grad/evol/humevol/templeton/>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Texto de divulgação que analisa a pesquisa genética feita internacionalmente e demonstra que não existem raças na espécie humana, derrubando qualquer base científica para a discriminação.

• UNESCO. Cultura de paz no Brasil. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/sociais-and-human-sciences/culture-of-peace/>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Aborda a cultura de paz e analisa a importância da escola como lugar que deve ser aberto ao diálogo e ao compartilhamento, tornando-se um centro para a vida cívica na comunidade.

• UNESCO. Manifesto 2000 Unesco (Cultura de paz). Disponível em: <https://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/manifesto_2000_UNESCO_cultura_da_paz.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2019.

O Manifesto escrito por um grupo de Prêmios Nobel da Paz, com o fim de criar um senso de responsabilidade de cada um, para que coloquem em prática os valores, as atitudes e formas de conduta que inspirem uma cultura de paz.